

ENTREVISTA SANTA ROSA I

MORADORAS DO CONJUNTO

DATA:25/05/2019

LOCAL: CONJUNTO SANTA ROSA

PARTICIPANTES:

Giselle

Roberto Eustaáquio

Herbert

Josiany

Maria Roberta Alves Santos

Márcia Valéria dos Santo

Margarida da Silva Vento

Maria das Graças e Silva

Salvadora de Lima Alves

TAGS:

Habitação

Relações de vizinhança e ações comunitárias

Fase de mobilização

Fase de projeto

Fase de obra

Pós-Ocupação

SIGLAS (em ordem de aparição):

PUC - Pontifícia Universidade Católica

ASCA - Associação dos Sem Casa de Belo Horizonte

URBEL - Companhia Urbanizadora de Belo Horizonte

UMEI - Unidade Municipal de Ensino Infantil

[Fase de mobilização]

Giselle: Bem, a ideia é que vocês contem a história de vocês, desde o início, a gente quer entender essa luta.

Márcia: No meu caso, eu vim do núcleo Morada, que as reuniões eram na Cachoeirinha, né, mas eu morava no Betânia. Eu fiquei 12 anos na luta, mas eu estou falando de mim. Eu atravessava a cidade [interrupção] [Maria atravessa a fala de Márcia]

Margarida: até aqui.

Márcia: Tinha eu do núcleo, aí quando passou pra todo mundo junto, foi na Floresta.

Margarida: Primeiro foi aqui na regional, não? Teve a regional, depois foi pra PUC, depois nós fomos pro Floresta.

Roberto: Isso quando começou a formar o grupo?

Márcia: É.

Roberto: Tinha uma associação que tava [interrupção]

Margarida: Associação do bairro.

Márcia: Tinha dez núcleos, né.

Roberto: Mas eram de vários lugares?

Salvadora: A gente passava por muitos lugares. Se for falar os lugares que a gente frequentou...

Margarida: Não. Eu participava só do núcleo do meu bairro.

Salvadora: Tinha o núcleo de bairro.

Margarida: Nos três que éramos do núcleo Morada, né.

Maria Roberta: Eu só passei por um. Foi da Benedita, eu passei 13 anos esperando.

Márcia: A partir do momento que eu entrei no núcleo da Cachoeirinha, até o dia que nós recebemos a chave aqui, tem 12 anos, né. Tem 12 anos, direto. Eu entrei porque minha mãe tinha entrado, quando eu morava no Betânia. Minha mãe entrou no núcleo de lá, mas com o passar do tempo a idade dela foi chegando, aí quando o meu pai veio a falecer, que ela foi lá dar baixa, né, uns disseram que ela podia continuar, outros que ela tinha que sair por causa da idade. Ela ficou com medo. E aí minha amiga aqui do Cachoeirinha falou assim "ô Márcia, tá tendo uma reunião aqui," tal, tal, "se você quiser participar...", mas aí eu falei: "menina eu moro no Betânia, aí é do Nova Cachoeirinha?". Aí ela falou assim: "não, é da grande BH". Aí eu vim, e tudo. Fui ficando, fui ficando... Até o dia, né, que Deus ajudou, que a chave saiu aqui, aí a gente começou a vim fazer o mutirão. Aliás, viemos fazer o mutirão, primeiro, aquele negócio todo, né, a cada domingo ou a cada 15 dias [hesitação]. Era a cada quinze dias que fazia o mutirão, não era?

Maria Roberta: Não, era 30 [dias]. Não era?

Márcia: Não, no começo era de 15 em 15 [dias], né? Depois que passou pra mensal.

Margarida: No início foi.

Márcia: Aí teve aquele negócio da licitação, que fechou, acabou aqui. Fechou, assim, parou uns tempo, né, até ter outra firma pra poder continuar a obra. Foi...

Giselle: Então chegou a ter mutirão com vocês trabalhando?

Maria das Graças e Silva: Tivemos [o grupo concordou] Carregamos tijolos... [elas começaram a falar conjuntamente, uma atravessando a fala da outra]

Márcia: Porque a gente visitou outros empreendimentos... [interrupção, Giselle retoma a fala]

Giselle: Que eles fizeram?

Márcia: ...que tinha mutirão.

Margarida: Eu não fiz nenhuma visita.

Márcia: Mas eu fui, né, e eu acho que a Dora [Salvadora] também foi, né? A gente visitou outros empreendimentos que também [se desenvolveram] com mutirão, pra gente poder ter a noção de mutirão, mesmo.

Josiany: Alguém levava vocês lá?

[o grupo concordou]

Márcia: [Havia] Um transporte. Porque eram diversos *núcleos que iam*. Como eles viram que não tinha uma empresa, eu acho, não tinha uma construtora, aí começaram a fazer mutirão. Assim, traziam o material, vamos supor, areia, e punha ela lá. Aí a gente, no domingo, vinha, peneirava, quem tinha força. Eu nunca tive força pra isso, mas tinha uns rapazes que vinham e peneiravam, colocavam saco de cimento, tijolo, punham no lugar. [interrupção, Maria das Graças começa a falar]

Maria das Graças: Aqui era um mato. [Márcia retoma a fala]

Márcia: Depois foi feito um quartinho, pra botar os material.

Roberto: Eu queria passar um pouco pela história da formação do grupo. Você [se referindo à Márcia] contou um pouco sobre como chegou no grupo, agora vamos fazer uma rodada para saber como as outras pessoas aderiram aos grupos.

Maria Roberta: Eu morava lá no Alto Vera Cruz. Eu não tinha casa. E aí sempre tinha uns vizinhos, lá, que falavam: você não vai participar do grupo dos sem casa, não? Aí, um belo dia, eu fui participar, mas era lá no Alto Vera Cruz, com a Dona Benedita. De lá, eu só tive esse núcleo, não participei mais de nenhum. Fiquei nele 13 anos, e aí eu consegui aqui, e vim morar aqui.

Márcia: Mas você participou no Floresta também.

Maria Roberta: Mas eu participava mais, era do grupo da Benedita. Vocês tinham outros grupos.

Roberto: Então tinha um lugar que reunia os grupos de vez em quando?

Maria das Graças e Silva: É [algumas das mulheres entrevistadas concordaram]

Roberto: Então tinham núcleos em vários bairros, e de vez em quando esses núcleos se reuniam?

Maria das Graças e Silva: Sim, se reuniam [algumas das mulheres entrevistadas concordaram]

Margarida: Reuniam pra eles passar pra gente o que que tava sendo feito, qual era as coisas que eles tinham recolhido na prefeitura, qual era o procedimento que tava sendo [interrupção, as outras entrevistadas começaram a falar conjuntamente, e a entrevistadora Josiany retoma a fala]

Josiany: Um núcleo ia passando pro outro o que ele estava fazendo?

Maria das Graças e Silva: é isso [algumas entrevistadas disseram] Cada bairro, assim, vamos supor, assim, sempre no último domingo do mês marcava um domingo. Vamos supor um exemplo, na Cachoeirinha, né, Márcia, marcava todo domingo do mês às quatro horas, aí a gente juntava ali. Tinha as coordenadoras, tudo direitinho.

Márcia: Então, era um núcleo.

Maria das Graças e Silva: Cada bairro fazia a sua reunião, depois juntava todos eles e passamos pra Floresta, pra fazer tudo junto.

Roberto: A Floresta era...?

Maria Roberta: Na Rua Itajubá [interrupção, Salvadora começa a falar]

Salvadora: Oh, eu entrei no grupo do Cachoeirinha também, eu era do mesmo dela, a gente tinha, todos os domingos a gente ia. Mas, de vez em quando, a prefeitura marcava as reuniões em outros lugares. A gente participava lá na Católica [PUC Minas], a gente ia, e tinha vez que era nos parques, nos colégios, a gente tava sempre participando, participando. Então, gente, assim, foi muita caminhada pra gente. A gente lutamo, foi à luta, até chegou aqui, que a gente adquiriu esse terreno. Pra adquirir esse terreno, foi muito dificuldade, a gente lutou, lutou, lutou... [interrupção, Roberto faz a pergunta a seguir]

Roberto: Esse foi do Orçamento Participativo?

Salvadora: Foi. E a gente lutou, e indo na Câmara. Eu tive reunião na Câmara demais, a gente sempre tava lá na Câmara, lutando. O prefeito ia, a assessoria ia, tudo ia, assim.

Roberto: Como é que vocês descobriram esse terreno?

Salvadora: Olha como é que foi. A minha... uma dona que mora aqui no Santa Cruz, que ia lá no Cachoeirinha e mais outros núcleos, descobriu esse terreno. E foi lá na prefeitura e levou esse terreno pra lá. Chegou lá, a prefeitura falou que ia olhar, pra ver se podia beneficiar isso aqui pra fazer moradia pra gente. Aí a gente aguardou, e aguardou, e aguardou, nada, nada. Quando pensa que não, a gente teve uma resposta. Como aqui era... tinha, uma fábrica de broco, e aqui tinha uma chácara, a gente teve que assinar lá na Câmara, a gente teve que ir lá pra assinar isso, na prefeitura, porque isso não podia desapropriar, porque aqui tinha, é... árvores de frutas. Tinha pé de abacate, tinha de manga, tinha de caju, goiaba, tinha tudo. Aí a gente foi na luta, luta e mar luta. E a gente: "Ah! não sei... se a gente vai adquirir aquele lote". E foi luta, caminhada, e caminhada, e caminhada... Até que, enfim, com muito custo, a prefeitura adquiriu. A gente foi lá, chamou a gente, a gente assinou e tudo, com o terreno. Tava liberado, que iam construir pra gente. Aí quietou, aí nós lá na reunião, só batalhando, com o pessoal da prefeitura. E a gente não tinha muita certeza que isso aqui ia garantido pra gente, não. A gente ia pra outros empreendimentos, esse aqui não era o certo, não. Pelo menos no que eu ia nas reuniões, que eu fui muito, participei muito da reunião, foi da ASCA. Lá no meu núcleo, fora, e na Câmara de deputados, a gente tinha demais. Eu participava de noite, eu ia, às vezes minha coordenadora me chamava, eu ia. Dava 5 ou 6 pessoas, era uma luta, lá, com os vereadores. Era uma briga com os vereadores, assim ó, [?] lá dentro. "Ah, espera, a gente vai ver", "a gente vai ver" e nós lá, ó! Essa doninha mesmo, que mora aqui no Cachoeirinha, e foi do nosso núcleo, Dona Zizinha, nossa! Foi uma senhora que lutou lá dentro, ó! De bater de frente com o pessoal. Aí teve um rodízio lá na prefeitura, que ia levar nós, pá nois visitar um empreendimento do Jaqueline.

Roberto: Já estava funcionando?

Salvadora: Já. Já tava construindo a autogestão lá. E aí, foi, levou quatro ônibus. Foi todo mundo. Na volta, os ônibus pararam tudo aqui pra ver o lote, que o lote já tava praticamente garantido pra construir. Aí nós já pôs a fé, falou: graças a Deus, lá que vai ser o nosso. E foi mesmo. Aí nós vêi pra cá, e foi, foi na luta. A gente vinha pra cá todos os domingo, e aí passou a vim de 15 em 15 dias, carregando areia, carregando bloco, e aquela coisa. Trazia almoço, todo mundo almoçava, reunia todo mundo.

Maria das Graças e Silva: Aí chegava e capinava. Já tinha as casinhas das pessoas que tava construindo aqui.

Roberto: Tinha gente que ficou morando aqui?

Maria das Graças e Silva: Não.

Roberto: Ah, de obra, né?

Salvadora: Vigiavam. Vigiavam pra não ter invasão, porque tentou ter invasão aqui. A prefeitura colocou gente, vigia pra olhar. Aí a gente passou a vim nos domingo, trazer almoço, né, reunia todo mundo... [interrupção, Maria das Graças começa a falar]

Maria das Graças e Silva: Capinava primeiro. Chegava capinava, varria.

Salvadora: E começou. Então, foi muita caminhada, muita luta, muita dificuldade, muita, mas muita, muita mesmo. Pra gente chegar aqui, você não tem noção como foi a luta da gente

Josiany: Só saber se eu entendi bem a história do terreno, vocês levaram, então, a sugestão de terreno pra a prefeitura?

Salvadora: As nossas coordenadoras que reuniram e levaram.

Josiany: As coordenadoras dos núcleos?

Salvadora: Sim. As coordenadoras dos nossos núcleos. Foram elas que correram atrás, pra gente. Dona Zizinha... Dona Terezinha... Muita gente.

Maria Roberta: Antônia

Salvadora: Sim, Antônia. Líá... Michel...

Josiany: E tinha algum motivo, assim, de escolher esse terreno? Ou porque viu que estava vago?

Salvadora: Oportunidade.

Roberto: Antonia é a que é casada com o Guilherme?

Giselle: Antonia de Paula?

Salvadora: Sim. Ela é uma lutadora. Ela ajudou e ajuda a gente, é uma pessoa maravilhosa!

Roberto: Retornando, então, vamos lá.

Maria das Graças e Silva: É isso mesmo, gente vinha pra cá aos domingo

Roberto: Isso antes de ter o projeto, então vocês já vinham?

Maria das Graças e Silva: Já tavam as casinhas com as pessoas que vinham trabalhar aqui, né Dora?

Margarida: Não era o escolteiro não, Dona Maria ?

Salvadora: É o escolteiro, sim.

Maria das Graças e Silva: Então a gente vinha pra cá no domingo, cedinho, trazia lanche pra eles, varria tudo, limpava tudo, pra depois começar as nossas reuniões. Cada bairro tinha sua turma que participava, e tinha as coordenadoras. Vamos supor, igual a Dora, que fala assim: "Ah, eu participei *não sei aonde, não sei aonde, não sei aonde*". É que cada época era uma reunião em um lugar. Tinha a turma da Michele, da Antônia... Nós tinha a turma nossa, que coordenava nós. Elas já tinham outra turma. Sabe, então era assim...

Márcia: Quando era nacional, tinha reunião ali na Afonso Pena, um pouquinho ali depois do Parque... Nossa Senhora! Deu tanta gente!

Giselle: Isso era a União por Moradia?

Márcia: Era, quando era nacional. Eu fui umas duas vezes lá... Eu não sei se ainda tá tendo...

Maria das Graças e Silva: Olha, eu falo que aqui, desde o primeiro dia que eu vim pra cá, eu falo assim: [inaudível] que aqui a gente não anda direito por que a gente não quer, por que a gente foi muito bem preparado pra morar aqui em todos os sentidos. Eu falo todo mundo mas eu também to no meio, tudo que eu vou falar aqui eu to no meio também. Nós não queremos, sabe por que? Esses 14 anos, as 50 famílias que frequentavam as reuniões vieram pra cá. Mais ou menos umas 4 ou 5 que veio que a gente não sabe quem é. Mas as 50 frequentou direitinho e nós fomos muito bem preparados pra morar aqui, em todos os sentidos, todos os sentidos mesmo.

Salvadora: Foi, foi mesmo. Foi bem preparado.

Margarida: Olha, eu comecei, como as meninas também. Cada bairro tinha o seu núcleo né. E eu comecei a [inaudível] agora, com o sem casa também. E como eu era uma moradora de favor, aí falei "eu vou procurar porque eu não vou ter condição de comprar uma casa pra mim". Aí eu comecei a participar dessa reunião e era uma vez no mês. Aí não faltei nenhuma vez pq se faltasse também por falta a gente perdia ponto. Tinha que justificar por qual motivo que você faltou né. E eu continuei... E eu não desisti, muitas pessoas que tava comigo desistiram e [inaudível] sempre falava "não desiste que vai sair". E eu não desisti, falei assim: eu não vou desistir pq eu tinha pedido pra deus pra me dar uma oportunidade de eu comprar um pedaço de terra pra eu construir dois cômodo e deus me deu a oportunidade de eu ter 5 cômodo. Então eu tenho mais é que agradecer isso. E aí eu como eu fui participando dessa reunião chegou um dia que ele... que eu fui premiada com a minha chave. Ele falou "olha você foi premiada..." Eu não sei te falar direitinho como que ele falou... "Fui contemplada! Aí eu fiquei toda feliz falei "ah já é um passo pra eu conseguir minha casa" Aí ele falou assim "agora você vai sair desse grupo, você vai participar de outro grupo" que até então, foi aí que eu comecei a participar do grupo que fazia parte dos meninos.

Roberto: Mas já tinha começado o projeto?

Margarida: É...

Roberto: Quando é que vocês descobriram que ia ser esse lote mesmo?

Maria Roberta: Quando eles botaram a placa da caixa econômica aqui...

Roberto: Descobrir assim, você acreditou mesmo que era aqui.

Margarida: Não, eu descobri pelo Marcelo. Quando o Marcelo pediu que a gente viesse, fizemos uma caminhada. Nós saímos da regional, viemos a pé, fizemos um trajeto até chegar aqui e ele

falou assim “é, aqui que é o lote de vocês” A gente veio a pé de lá da regional. Quem deu a notícia pra gente foi esses meninos. O Marcelo, eu não sei falar o nome deles todos. É o Marcelo, tinha Matheus...

Roberto: Felipe, Gabriel... Todos os quatro foram meus alunos.

Margarida: Então, foi eles que deram a notícia pra gente. Eu tenho até foto, mas pra mim procurar essa foto deles... Eu tenho uma pequena foto que quando fez um grupo assim de pessoas e tirou foto eles tão no meio. Tem até foto deles comigo.

Roberto: Ah nós vamos querer depois, viu!?

Margarida: Tá, pode deixar, eu vou deixar vocês tirar procês verem como que é.

Roberto: É, que a gente fotografa ela.

Margarida: Tá, isso... eu vou procurar que na próxima vocês vão fazer isso. Eu até pensei em fazer isso agora.

Salvadora: Eu tenho foto lá em casa, Margarida, de nós carregando tijolo! Tenho tudo!

Margarida: Do chaveirinho que eles fizeram...

Salvadora: Tem do tijolo, nós carregando um e dando pro outro, nós na árvore ali rezando, fazendo oração...

Maria Roberta: E nossos pés tudo vermelho de barro.

Margarida: Então, eu tive nessa caminhada sim. Porque a gente todo mês tinha que participar dessas reuniões que a gente começou aqui na regional e depois da regional eles falaram que a gente tinha que ir pra PUC, depois da PUC eles falaram que a gente tinha que ir pra Floresta e da floresta a gente foi pro centro que eu não sei explicar...

Salvadora: Na Espírito Santo!

[Fase de projeto]

Margarida: Então era essas reuniões que era com as chefia maior que ia em busca das nossas, do nosso empreendimento. Alí eles que orientavam a gente, falavam pra gente o que a gente tinha que fazer, que a gente não podia faltar. Se a gente faltar é como se fosse ficando pra trás e ia passando outras pessoas pra frente. Que aqueles que tavam mais frequente que tinha direito. E depois assim, eu lembro que lá na, eu lembro direitinho, na PUC, que eles fizeram um processo com a gente. É... Quando a gente tá estudando a gente faz aquele... Como que fala, gente? Maquete! Com lençóis... Pediu pra gente levar lençol pra gente fazer uma maquete...

Roberto: Conta pra nós como que foi essa coisa do projeto. Como que foi a participação no projeto?

Margarida: Olha... não sei. Não foi...

Giselle: Isso da maquete, por exemplo.

Margarida: Então, da maquete ele marcou o dia e falou “olha, nós vamos fazer uma maquete”. Primeiro ele fez assim, um projeto com a gente pra gente desenhar de que forma a gente queria o apartamento da gente. Então, o sonho cresceu o olho né...

Giselle: Vocês podiam fazer do jeito que cês quisessem?

Margarida: Do jeito que quiser.

[Conversas simultâneas inaudíveis]

Margarida: "Ah mas a casa tem que bater sol... Que lado que o sol nasce?" Aí essas coisas... Eles faziam essas perguntas.

Josiany: Mas aí vocês desenhavam essas coisas?

Margarida: A gente escrevia... Ah mas mandavam a gente desenhar. Falavam pra gente desenhar, os meninos, Marcelo... Os menino que eu falo é essa turminha aí.

Josiany: Os menino arquiteto.

Margarida: Isso! Mandava a gente desenhar, aí a gente desenhava e depois pegava o nosso desenho, que eu não sei se eles ainda até tem esse desenho...

Roberto: Ele tirou foto.

Margarida: Tirou né? Pois é. Então eles fizeram vários eu tenho os desenhos aqui que eu não joguei fora, eles tao comigo. Eu posso até passar pra vocês depois pra vocês verem como eles fizeram com a gente. E aí teve essa maquete do lençol que a gente foi pra PUC e ficou todo mundo montando lá.

Roberto: Isso do apartamento? De fazer a representação do apartamento

Margarida: É! Isso! O quarto sala cozinha banheiro... "Mas como é que é esse banheiro aí? Aonde que é esse banheiro? Mas banheiro dentro da cozinha? não, não pode o banheiro dentro da cozinha.." Então foi assim uma coisa que eles trabalharam com a gente. Que eu me lembro... Até to raciocinando alguma coisinha. E tinha sempre as reuniões com a gente, tem muita coisa que eles falavam que eu não guardei...

Roberto: Não, não importa...

Margarida: Aqui tem muita coisa boa, só que assim, eu não to conseguindo lembrar. Mas tem hora que vai passando um filminho assim deles assim sabe...

Roberto: Mas, por exemplo, com relação ao número de cômodos, ao número de quartos como que é?

Margarida: Sim, eu queria três quartos, né? Porque eu tenho um casal de filhos. Aí: "Como que vai ser sua casa?" Aí eu falava: "eu quero três quartos: o meu quarto, do meu filho e da minha filha. Eu quero o banheiro." Ah! A gente queria terraço... A gente colocava isso. "Ah mas não pode. Como que vai fazer? O terraço um vai ter e o outro não vai ter." Aí o meu sonho era ter os três quartos. Aí tendo os tres quartos, banheiro, cozinha, pra mim tava de bom tamanho. Isso aí foi minha maquete.

Roberto: E assim foi.

Margarida: Assim foi. Ai não deu pra fazer do jeito que a gente queria porque não tem como você fazer um apartamento...

[Conversa interrompida pela chegada do Herbert]

Giselle: Por que que não conseguiu, então, fazer igual ao que vocês projetaram com eles?

Margarida: Porque pra quem tinha casal de filhos, queria três quartos. E pra quem não tinha: "Ah, pra mim pode ser dois quartos mesmo." Aí a mudança foi feita aí. Porque como que vai fazer um

apartamento três quartos, dois quartos? Então, a prefeitura não aprovou. Não deixou porque não tinha condições de... E essa passarela, eles fizeram o desenho, eu tenho todos lá...

[Habitação]

Salvadora: Mas esse apartamento aqui da frente é de um jeito, do fundo é de outro.

Josiany: Ah, eles são diferentes

Margarida: São! Diferentes.

Salvadora: É, esse aqui [estávamos nos apartamentos da frente] a área é junto com a cozinha, lá é separado.

Margarida: E foi a ideia que a gente teve também, que eu queria a área do jeito que [inaudível].

Salvadora: Assim você entre a cozinha tá assim e a área já tá do outro lado.

Josiany: É só essa a diferença?

Salvadora: Tem diferença. Aí é tudo junto. Lá não, lá é separado.

Josiany: Então, mas tem outras coisas que é diferente é só essa que é a diferença?

Margarida: Aqui tem passarela, lá não tem.

Salvadora: Lá não tem porque lá é um por cima do outro. Aqui é só porque é dois... com o que é? É dois por andar lá, lá é dois por andar. Quem fez o projeto daqui foi um engenheiro e ele largou no meio do caminho aí quem foi pra lá foi outro.

Maria das Graças e Silva: Como que foi o nome dele?

Salvadora: Esse aqui foi o Armando, o que fez o lá dos fundos foi o Dirceu. Ele tá lá dentro da URBEL até hoje.

Maria das Graças e Silva: Dirceu [inaudível] aqui também.

Salvadora: É, o Dirceu terminou, mas aqui deixou cuidado né. Já deixou tudo pronto. Ele não podia fazer mais nada, só pode levantar né. E lá tava só o terreno liso, aí seu Dirceu tomou posse lá.

Roberto: E como é que foi assim... Teve uma hora que vocês decidiram né, falou "é esse e..."

Salvadora: Não! Na hora chamou a gente lá pra decidir qual andar queria morar, qual bloco queria morar. Aqui é bloco 1, bloco 2, bloco 3 e bloco 4. Aí foi chamado.

Margarida: O nosso foi pelo sorteio.

Roberto: Ah! Foi sorteio.

Margarida: É, porque, é aquela questão da frequência.

Roberto: Ah! Tinha uma pontuação.

Maria das Graças e Silva: Tinha. Quem tivesse mais frequência...

Roberto: Quem tinha mais pontos tinha prioridade na escolha.

Maria das Graças e Silva: Podia escolher o apartamento.

Salvadora: A preferência dos primeiro andar era pra deficiente e idoso.

Roberto: Tá, isso também não teve discussão?

Maria das Graças e Silva: Não! É porque as pessoas idosas é sem chance mesmo, né?

Salvadora: É, tem que ser. Preferência a prefeitura falou que tinha que ser as pessoas de idade, tinha que ficar no primeiro andar. Por que não tem elevador, né?!

Maria das Graças e Silva: Quem tivesse mais frequência, sem falha, podia escolher o apartamento segundo ou terceiro. Aí eu peguei e falei assim ó “Eu, se eu puder, eu quero o da frente e o terceiro” Porque o meu sonho, eu falei que até hoje eu acho chique. Eu pergunto as pessoas assim: “Onde que vocês mora?” “Eu moro no apartamento do terceiro andar.” Aí eu acho tão chique.

Salvadora: Eu trabalho no nono e acho horrível!

Maria das Graças e Silva: Meu problema de joelho, aquela coisa toda... Aí tive que ficar no segundo andar, sabe? Então, aí foi assim, tudo frequência. Quando tivesse qualquer problema de médico, essas coisas, tinha que levar um atestado. Ai um dia chamou todo mundo no pátio, fizeram as reuniões, aí que...

Margarida: Dizendo a pergunta: “Qual apartamento você gostaria de morar?”

Maria das Graças e Silva: É. Isso mesmo: “Qual você quer?” Eu falei: eu quero morar na frente que eu quero ver tudo.

Margarida: Eu escolhi o terceiro. Meu marido escolheu o quarto e, portanto, a gente mora no quarto andar.

Salvadora: Ah eu trabalho no nono andar e acho horrível. Na hora que eu subo, na hora que eu desço eu tomo uma ducha.

Roberto: Tá, e como foi o processo de passar do projeto pra passar a construir? Demorou?

Margarida: Ah, demorou, tivemos várias reuniões... E às vezes ficavam em busca das pessoas que não tavam nas reuniões. “Olha, você, que mora perto de fulano, fala pra ciclano, pede telefone de fulano, liga pra ciclano. Que não pode faltar, que se faltar vai perder...” Então era uma luta assim, aqueles que queria chamar o colega chamava e aqueles que não queria

Maria das Graças e Silva: E também aqui também teve aquela coisa, só podia vir pra cá quem tivesse com a documentação todinha em dia.

Margarida: Sim...

Maria das Graças e Silva: Né gente?

Margarida: Não pode ter nada...

Maria das Graças e Silva: Inclusive, eu era do de cima, sabe? [se referindo a outro empreendimento] Eu, a minha irmã, o moço daqui. Nós éramos todo mundo. Mas quando que foi fazer tudo direitinho, as pessoa de lá não tinha a documentação todo em dia, aí chamaram nós pra cá... Se atrasasse uma prestação de qualquer coisa, não entrava, não podia entrar. Foi tudo muito bem organizado, e ainda é, a gente que não faz por onde, sabe? É uma pena.

[Fase de Obra]

Margarida: Não foi nada não, só ajudei a carregar tijolos lá! [Estavam falando sobre algum assunto paralelo enquanto Maria falava sobre a documentação]

Roberto: Essa parte também nos interessa muito. Como que foi a coisa de construir? A participação na construção?

Margarida: Eu não participei muito não. Tinha as reuniões, né? Tinha o dia de bazar.

Maria Roberta: Nós fizemos bazar pra ajudar.

Margarida: É, o dia da confraternização também.

Giselle: Vocês que decidiram isso, né?

Maria Roberta: A coordenadora, Michele. Ela foi organizando essas coisas pra gente.

Giselle: Porque vocês viram os outros conjuntos lá no mutirão e aí que horas que vocês decidiram que vocês queriam executar?

Margarida: Eu nunca participei, porque eu não tinha como participar.

Maria das Graças e Silva: E eles também não deixavam a gente muito entrar dentro da obra. Na obra construir eles não deixavam não, que eles tinham medo. Mas tinha pessoa responsável mesmo...

Salvadora: Eu por exemplo, eu era... Cada pessoa era uma coisa, eu era segurança do trabalho! Cada pessoa tinha que ser uma coisa, eu era segurança do trabalho, isso eu não esqueço. E quando a gente foi ensinado [inaudível] foi avalista de cada um aqui, sabe? Tinha tudo isso.

Márcia: Eu era organizadora.

Salvadora: Ah então você organizou. Porque todo mundo tinha alguma coisa.

Roberto: Vocês lembram como que era esses cargos?

Salvadora: Esses cargos eram muito engraçados. Porque a gente vinha aqui no domingo, já tava construído, os pedreiro não tava aqui mais. A gente vinha aqui com os apartamentos assim, muita sujeira, muita coisa.

Márcia: Para organizar as coisas

Salvadora: Catar os pau, catar esses trem assim, a gente dava uma ajeitada sabe? Aí segunda-feira eles começaram a subir a obra.

Roberto: Então assim, durante a semana tinha uma obra normal e no fim de semana vocês vinham...

Salvadora: Tinha. Vinha, tinha que vir. Pra poder ver direitinho.

Margarida: Se não tava desperdiçando material...

Salvadora: Eles também vinha, tinha gente da prefeitura que vinha.

Roberto: Mas por exemplo, fazer compra de material. Tinha alguém daqui que acompanhava isso?

Salvadora: Tinha, tinha. Tinha pessoas.

Margarida: Tinha sim, mas eu não tinha acesso.

Salvadora: Eu não participei não, tinha as pessoa técnica, tinha. Eu não participei não, eu só era segurança do trabalho. Porque tinha que ter esse, lá na prefeitura. E cada pessoa aqui foi alguma coisa, eu não sei não, eu só sei a minha parte.

Maria Roberta: [inaudível] organizadora da cozinha.

Margarida: [inaudível] organização da cozinha, porque se não a gente ficava com fome, né

Roberto: No outro conjunto que a gente acompanhou, teve uma coisa que eles chamaram de frente de trabalho. De gente que era do grupo, morador, e, por exemplo, tava sem trabalho durante um período, que acabou se engajando na obra. Ocorreu isso aqui?

Maria das Graças e Silva: Sim, teve [o grupo concordou]

Salvadora: Teve gente aqui que no final, que já não tava dando conta, gente que mora lá no bloco lá, que ficava aqui no domingo vigiando a obra. Hoje ele é morador. Eu não cheguei a vir, não, eu até falei que eu iria, porque a gente que é mulher podia vir, passar o domingo todo aqui. Só que eu não vim, porque na época eu era cuidadora, então era difícil, falei: "pra mim não dá, eu não vou nem assinar"

Maria das Graças e Silva: Teve pessoa que acompanhou tudo aqui direitinho, mas como foi uma coisa muito, assim, em cima da hora, não deu pra falar tudo. Ainda mais sábado. A partir de sexta-feira a noite, aqui, todo mundo já sai pra algum lugar.

Roberto: Essa variedade de história nos interessa. O tipo de envolvimento. Como você falou, você foi segurança do trabalho, ela foi organizadora, como era isso no dia a dia?

Margarida: Era gostoso

Salvadora: Era muito bom. A gente reunia todo mundo, era muito bom, era bacana, na hora de ir embora a gente ficava até com saudade.

Maria Roberta: Chegava em casa todo mundo com os pés sujos.

Salvadora: E aquela esperança de você vir embora, de ter a sua casa. E a gente cansava, porque chegava lá no domingo e tinha que trabalhar no outro dia.

Josiany: Mas vocês vinham só no fim de semana, ou durante a semana também?

Salvadora: Não, durante a semana a gente não podia vir, não, porque a gente trabalhava.

Margarida: Aí era a empresa que tava não permitia a gente entrar.

Josiany: No meio da semana, então, era só uma empresa contratada que trabalhava lá?

Salvadora: Sim, a empresa.

Margarida: Tinha uma pessoa responsável pra olhar tudo.

Salvadora: A luta também foi a água pra vir pr'aqui, fez o que fizeram, e ficou muito tempo pronto e não tinha como vir pr'aqui, porque diz que a água não tava aqui. A gente teve que correr atrás, eu mesma fui atrás lá na Câmara dos vereadores, aí que eles pegaram e cortaram aqui em cima pra água cair aqui dentro.

Roberto: Quanto tempo durou, mais ou menos, a construção?

Salvadora: Ah, a construção... vou falar pra você que eu não tenho muita noção, não. Sabe por que? Parou, não parou? [direcionando a pergunta a alguma das entrevistadas] Solicitou, ficou parado... um tempão...

Roberto: Mas foi dois anos, um ano e meio, três anos...?

Salvadora: Não...

Maria Roberta: Não, foi isso não... Foi menos...

Salvadora: Eu acho que, assim, deve ter dado mais ou menos uns dois anos, 18 meses...Mas não tenho certeza pra confirmar, não.

Márcia: Eu acho que ficou um ano parado

Roberto: Essa atitude, assim, esse espírito de colaboração durante a obra se estendeu depois que vocês ocuparam?

Salvadora: Se continuou aqui dentro depois que todo mundo veio pra cá?

Roberto: Isso

Márcia: Era pra continuar. Porque o que a Michelle falou, batalhou e instigou e coisou todo mundo...

Margarida: Até o período que a Michelle estava frequentando, ainda reunia algumas pessoas. Depois que a Michelle saiu...

Márcia: Agora é cada um por si.

[Relações de vizinhança e ações comunitárias]

Roberto: Eu tô vendo hoje que vocês têm uma organização bem ciente, tem o síndico por unidade, e tem o síndico geral. Como é que vocês resolvem os problemas hoje assim?

Salvadora: Ué, resolve assim... cada gestão trabalha de uma forma, né Margarida? Cada gestão trabalha de uma forma.

Roberto: Essa alternância é de quanto em quanto tempo?

Salvadora: Ué, eles põem de dois em dois anos. Não existe um trem desse, uma distância dessa. Eu acho que tem que mudar. E eu acho, assim, que todo mundo tem que passar. Porque ser síndico não é obrigado a ser, mas eu acho que tem que provar as coisas, porque o síndico, o que eu vejo do síndico sendo uma síndica, um síndico é você ser síndico, mas quem aprova a reunião são os moradores, na verdade. O síndico está ali para interagir, porque você está ali com o dinheiro, então quem tem que falar são os moradores. O síndico tem que aprovar [ou provar] tudo que ele quer fazer no condomínio. Isso que é ser um síndico dentro do bloco, né? Umas coisas, assim, que... né Margarida?

Maria Roberta: Ser síndica não é fácil...

Maria das Graças e Silva: Ser síndico, ser do conselho... não é fácil. E nós também não somos... É, e nós também não somos... então...

[Fase pós-ocupação]

Roberto: O grupo original permanece aqui? Alguém mudou? Teve alguém que vendeu e foi para outro lugar?

Salvadora: Não, não pode vender

Maria Roberta: Aqui ninguém pode vender, mas tem morador daqui que não mora aqui, não. O dono desse apartamento aqui nunca morou aqui.

Margarida: Muitas, muitas pessoas.

Roberto: De 50 [moradores], quantos ainda moram aqui?

Salvadora: De 50, tá praticamente todo mundo. No meu bloco tá todo mundo.

Maria Roberta: Aqui tem 7 que não moram. Esse outro apartamento, ali, ninguém nunca tocou nele.

Josiany: Não mora ninguém?

Salvadora: Não mora ninguém.

Giselle: Tá vazio?

Márcia: Não, tem móveis, eles vêm, pagam o condomínio, mas ninguém mora.

Maria Roberta: É que às vezes não precisa, né?

Josiany: Vocês conhecem os donos?

Maria Roberta: Conhecemos

Roberto: Essa história de não poder vender, como que é isso?

Salvadora: Não pode.

Roberto: É um contrato que você assinou com a prefeitura?

Maria Roberta: Não, é que isso daqui, na época, era de baixa renda, crédito solidário.

Roberto: Mas vocês fizeram um financiamento e pagam o financiamento?

Maria Roberta: Não, nunca pagamos.

Salvadora: Ainda não!

Maria Roberta: Nós moramos aqui tem 7 anos já.

Salvadora: Mas não saiu ainda, não, tá preparando, sabe?

Maria das Graças e Silva: Aqui nós pagamos o condomínio...

Salvadora: Água e luz, tudo separado, mas pagar a prestação ainda não foi não.

Roberto: Mas isso ainda vai acontecer?

Margarida: Se Deus quiser.

Salvadora: O habite-se do terreno já saiu... Tá no Caminho.

Maria Roberta: Ah, cê senta e espera...

Margarida: Tem que sair! É um documento!

Maria Roberta: Mas cê senta e espera, porque lá no Granja de Freitas tem mais tempo que aqui e agora que o povo tá começando a pagar. Já tem mais de 20 anos.

Roberto: Então tem 7 anos que vocês estão aqui?

Maria Roberta: Aham

Roberto: Olha, o usucapião são 5 anos...

Margarida: Mas nós precisamos de um documento.

Roberto: Claro!

Maria das Graças e Silva: É porque na época em que começou a ter a reunião lá [dos movimentos de luta por moradia], como se diz, era pra baixa renda, pobre. Tanto que na hora de fazer a inscrição, tudo direitinho, passava somente a pessoa pobre mesmo.

Salvadora: E eles faziam sindicância, a prefeitura passava na casa da gente pra fazer sindicância...

Josiany: Era um salário mínimo por pessoa ou por família?

Maria das Graças e Silva: Por família, né Márcia?

Márcia: Eu, quando entrei, não trabalhava fora e não tinha conseguido a aposentadoria. Eu entrei com o meu nome, porque era eu que participava das reuniões, e minha mãe entrou com a renda dela, da pensão do meu pai. Porque meu pai tinha pouco tempo que tinha falecido, foi quando eu entrei [no movimento por moradia], quando começou o cadastro lá na regional, aí tive que botar o meu nome, mas com a renda, pensão, da minha mãe.

Roberto: A Dona Mariinha tinha falado que foi muito bem preparado, assim, teve muito apoio para a organização do grupo... Teve algum curso? Como é que foi essa preparação?

Salvadora: Com trabalho social.

Roberto: Sim, mas, por exemplo, tinha alguém que teria a função lá de ajudar a acompanhar a obra, cuidar do dinheiro... Teve um treinamento, por exemplo, pra lidar com planilha... aprender a comprar... essas coisas?

Maria Roberta: Teve sim, muita gente lembra.

Margarida: Eu não sei, porque eu não participei. Pra liberar o dinheiro pra construir aqui era a Dona Zizinha, eu e o *Benevenuto* [?]

Roberto: Porque o povo devia ter feito uma medição, assim, o fiscal da prefeitura devia vir e, sei lá, falar assim: *ó andou tanto a obra*. E aí, a partir do tanto que a obra andou, eles iam lá e liberavam dinheiro. Era assim?

Salvadora: Era! E era domingo que vinha...

Roberto: E fazia essa medição?

Salvadora: É. E escrevia até num quadro...

Maria das Graças e Silva: O que gastou, o que que não gastou...

Salvadora: O que ele tinha ainda lá no caixa... Tudo bem certo [...] nas reuniões, aqui mesmo no lote.

[Fase pós-ocupação]

Josiany: Você falou que as 50 famílias que moram aqui também participaram das reuniões e tal, não foi? Das dinâmicas com os arquitetos?

Maria Roberta: Foi

Margarida: Nem todas as pessoas que moram, não. E, por exemplo, às vezes tem filho que... na sua família, eu acho, que teve caso em que alguém morreu? [pergunta aparentemente direcionada à Maria Roberta]

Maria Roberta: A minha filha.

Margarida: Teve uma senhora que também faleceu e veio a filha e ficou no lugar.

Maria Roberta: Foi a Marlene.

Salvadora: Aqui tem a Marlene, aqui tem o Paulo, ali embaixo, e lá na minha porta de frente tem a Terezinha.

Josiany: Mas são poucos casos, então?

Margarida: É, são poucos.

Giselle: Dos que participaram da Reunião, quantos vieram morar? Independente de ter mudado depois, dentro da família, não tem problema, mas, assim, dos representantes das famílias que participaram das reuniões, quantos vieram?

Márcia: 50!

Salvadora: Lá no meu bloco mesmo, uma senhora que frequentou muito com a gente [as reuniões], ela morreu, e hoje quem mora lá são os sobrinhos dela. Aqui do nosso bloco, todos vieram morar, mas esses 7 aí que estão faltando...

[As entrevistadas começaram a atravessar as falas uma das outras a fim de entrarem em concordância quanto ao número de pessoas que não estão morando no bloco em questão.]

Márcia: Pera aí, pera aí! Os dois lá de baixo, Marizete e o Jamir, que mudaram agora há pouco tempo. O Kalu e o Rennê, o Fábio...

Maria Roberta: Tem uns 5 ou 6 apartamentos aqui vazios, sim.

Maria das Graças e Silva: Sabe o que é? vamos supor, o quarto andar... não.. como é que é? Ó, o quarto e o terceiro. terceiro? É. O segundo... Eles mobiliaram, eles vem um dia ou outro, dormem... Mas dizer que moram aqui igual nós moramos... não mora, não.

Roberto: Mas usa o apartamento, né?

Maria das Graças e Silva: De vez em quando, mas dizer que moram igual a gente, não.

Giselle: Então 50 pessoas representavam as 50 famílias. Participavam lá tanto da parte social, quanto da parte dos técnicos, arquitetos e tudo. Então 50 representantes vieram morar aqui?

Salvadora: É. Desse grupo teve alguém que não conseguiu comprovar a documentação?

Margarida: Ah, foram vários! Eu só não lembro o nome das pessoas.

Maria Roberta: Teve gente que até saiu para regularizar a documentação e aí foi pra outra reunião...

Roberto: Integrou outro grupo?

Maria Roberta: É, e aí não veio mais pra cá. Aí foi pra outro, e desse outro eu acho que ela foi [inaudível]

Roberto: Mas esse grupo que participou do projeto pra decidir, igual vocês falaram, número de quartos, formato, etc, não é exatamente, pelo o que eu tô entendendo, o mesmo de quem construiu?

Salvadora: Não.

Roberto: Por causa dessa história de não comprovar ou cumprir com a documentação toda? Então assim, entre o projeto e a construção, teve uma pequena mudança?

Margarida: Teve várias mudanças.

Salvadora: Teve, teve várias.

Maria das Graças e Silva: Todo mundo, praticamente, que frequentou as reuniões, das 50 famílias, todo mundo que frequentou a reunião comigo veio pra cá. Agora, um exemplo, não sei, não, umas quatro que moram aí, quando foi pra vim não tava com a documentação em dia.

Roberto: Agora eu queria entrar pra questão do apartamento. Vocês modificaram alguma coisa nele depois que vocês mudaram? Que tipo de modificação?

Maria Roberta: Sim.

Salvadora: O piso. A lá, a cozinha como que ela é. O nosso a gente colocou azulejo, porque não tem azulejo. O banheiro também não tinha.

Margarida: O meu eu mudei muitas coisas.

[A Salvadora se levanta para mostrar o apartamento, acompanhada, enquanto outras entrevistadas conversam entre si a respeito das respectivas mudanças que cada uma fez em seu apartamento. Tal conversa não fim bem clara no áudio.]

Márcia: Teve muitos apartamentos que os moradores tiraram aquele muro ali.

Giselle: Que divide a área de serviço e a cozinha?

Márcia: É. E a Michelle mesmo, que era nossa coordenadora, falava: *gente, não pode tirar nada que cai o negócio.*

Margarida: A minha mudança de acabamento foi em questão de pintura e piso.

Josiany: Parade, essas coisas vocês mudaram?

Não, nada, nada.

Salvadora: Eu coloquei azulejo...

Roberto: Posso entender isso como "você gosta do jeito que ele tá", né?

Margarida: Ó, o meu eu nem terminei...

Roberto: Mas modificação de derrubar coisa....?

Margarida: Não, não quero, não!

Maria Roberta: Não! A gente teve aula sobre isso. Aqui, a coordenadora Antônia falou: "*gente, vocês vão mudar praí, mas não pode tirar porta, janela de lugar, tem que ficar tudo no lugar. Porque esses apartamentos não é aqueles de rico que aguentam muita coisa.*". A gente não pode nem fazer festa aqui.

Giselle: Quem é que falou isso pra vocês, que não podia tirar?

Maria Roberta: Teve uma aula aqui falando. Porque tem gente aqui que quer mudar a janela, quer mudar a porta. Uma vez, um senhor aí mudou a área de serviço, a janela, e aí chamaram a prefeitura. Veio a prefeitura, veio a URBEL, veio todo mundo.

Salvadora: Nós tirou a porta nossa, e fez denuncia pra nós aqui e chamaram até a *defesa* [? referente a defesa civil?]

Maria Roberta: É. Porque essas portas aqui era daquelas de... de... daquelas lá ó [apontou pra porta do vizinho]. Não pode, não, tirar nada do lugar aqui. Ficar arrancando o piso e botando piso, arrancando piso e botando piso... Porque o povo põe o piso hoje, amanhã enjoo e tira.

Margarida: Não, essa questão do piso eles não questionaram, não.

Maria Roberta: Não questionaram, mas incomoda. Ficar todo dia tu tu tu tu tu. Eu fico com medo, porque quando a gente mudou pra cá a Antônia falou isso, eu não tô mentindo, ela falou assim: "*gente, aqui não pode furar a parede, não pode tirar a janela de um lado pro outro, não pode quebrar a parede, não pode fazer nada...*"

Margarida: "*Mas se você quiser fazer a mudança da pintura na sua casa...*" Essa reforma.

Maria das Graças e Silva: Tirar um pia, por outra pia.

Maria Roberta: E, de vez em quando, o moço vem aqui, o *seu Dirceu*

Roberto: Quem é ele?

Salvadora: O engenheiro.

Roberto: Ele vem e faz uma vistoria?

Salvadora: Vem, vem.

Josiany: Mas se, por exemplo, não tivesse esse impedimento e pudesse mudar, vocês teriam vontade de mudar alguma coisa?

Maria Roberta: Não.

Margarida: Não, eu não quero mudar nada não, tá ótimo.

Salvadora: É, tá bom, a gente tava no aluguel...

Maria Roberta: A gente queria era mudar da vila lá que a gente morava.

Margarida: O que eu falei pra vocês, eu queria dois cômodos pra mim e pra minha família, mas Deus me deu 5, então eu não tenho que mudar nada.

Maria Roberta: Também, tô feliz.

Salvadora: Lá em casa é só eu e meu filho, tá bom demais, tá maravilhoso, mesmo se eu tivesse mais filhos.

[As entrevistadas começaram sobrepor as falas uma das outras a respeito de como elas viviam antes de se mudarem para o Santa Rosa, de modo que compromete a compreensão do diálogo]

[Relações de vizinhança e ações comunitárias]

Giselle: Nessa questão do condomínio, o social ajudou vocês, na regulação do condomínio, nas questões de como seria viver em prédio?

Maria Roberta: Ajudou

Margarida: Ah, sim!

Maria Roberta: A gente tinha, tipo assim, uma sala de aula, que ela ficava explicando como era a convivência, não era? Como é que você ia conviver aqui, as crianças e tudo mais...

Maria das Graças e Silva: Não podia entrar cachorro,

Maria Roberta: Não podia um tanto de coisa.

Maria das Graças e Silva: Mas tudo que não podia, o pessoal tinha. [Mariinha começa a rir]

Salvadora: Foi uma guerra pros meninos brincarem, por causa que aqui não tem pátio, os meninos não podem descer.

Margarida: Mas isso foi votado por nós mesmos.

[As entrevistadas começaram sobrepor as falas a respeito dos espaços que poderiam ter o conjunto, por isso não foi possível compreender]

Margarida: Era salão de festa e...?

Maria Roberta: É, mas se a gente tivesse tudo isso, a gente que ia pagar, né?

Salvadora: É. Tinha um quartinho... Nós tiramos o quartinho pra ter uma janela dessa.

Margarida: Foi uma troca de uma coisa por outra, sabe?

Maria das Graças e Silva: Tinha muito mais coisa, sabe, assim, o lugar pra por o lixo, pra uma pessoa tomar conta... Mas chegou num ponto que eles falaram o que o dinheiro não tava dando. Aí eles perguntaram e nós tiramos muita coisa.

Roberto: Ah, que tava no projeto, e vocês foram negociando?

Margarida: Negociando, negociando.

Giselle: E vocês votaram entre vocês? Como foi isso?

Salvadora: Lá, votamos lá...

Margarida: Com a assistente social.

Giselle: Tinha comércio também?

Salvadora: Comércio aqui é uma coisa que precisa, que eu sempre batalho. É ter uma padaria, ter um comércio mais próximo, que não tem, é tudo muito longe...

Margarida: Não tem farmácia...

Giselle: Então vocês negociaram isso, o que que saía e o que que ficava?

Salvadora: A creche fez depois que a gente chegou aqui.

Giselle: Que é aquela UMEI ali em cima?

Salvadora: É, foi. Mas a gente tinha vontade de ter uma padaria próxima, uma coisa próxima pra gente, porque não tem aqui, é tudo lá em cima, tudo muito longe. Mas tá bom, tá ótimo, tem problema não...

Roberto: Uma coisa ainda que ficou faltando de eu saber. Da coisa do condomínio, por exemplo, a água é individual ou é comum?

Margarida: Tudo individual.

Roberto: Mas ela é individual por prédio ou por unidade?

Salvadora: Por unidade.

Roberto: Isso facilita, né?

Márcia: A gente batalhou pra isso.

Roberto: Ah, me conta esse caso. Como que foi essa decisão?

Márcia: Porque no começo era uma caixa só. E depois de muito tempo.

[Trecho de conversas sobrepostas]

Márcia: A luz já veio individual, mas a água não.

Roberto: Então de início a água era condominial agora ela é individual.

Márcia: E já tinha tudo canalizado.

Salvadora: Imagina se a gente não tivesse uma água individual?

Márcia: Deus me livre!

Roberto: É, eu perguntei exatamente por isso, a gente tem notícia de muitos lugares que teve problemas.

Salvadora: Diz que o nosso foi o primeiro lugar. O nosso foi sorteado na época.

Margarida: A nossa luz, a nossa água tudo individual.

Márcia: Porque cê pensa bem se a nossa água fosse aqui do condomínio?

Roberto: A conta do condomínio entra o que?

Maria Roberta: Como assim?

Salvadora: A luz tem o quadro geral, escada...

Roberto: A luz, tem uma luz geral, tem a limpeza provavelmente..

Margarida: Não tem a limpeza porque cada um faz a sua própria.

Roberto: Pois é, me conta como é que vocês chegaram nessa organização.

Margarida: Eu e mais a minha vizinha nós não teve problema.

Roberto: Ah, foi resolvendo assim individualmente

Margarida: É... Cada prédio resolve de um jeito. Porque eles lá no fundo onde eles moram é diferente, né? E o outro ali também é diferente porque eu vejo uma pessoa lá lavando uma vez...

Salvadora: Paga. Agora o nosso não.

Margarida: Agora, aqui no nosso não.

Roberto: Cada um limpa seu andar...

Salvadora: É, mas teve um programa também que se a pessoa ficasse desempregada a pessoa podia prestar o serviço e o condomínio pagar. Por exemplo, fazer a limpeza e cobrar "x". Não muito, a gente pagava para aquele morador se o morador preferisse fazer assim. Igual ela mesmo fazia no bloco dela.

Margarida: Quem não tinha condições de pagar.

Salvadora: Não tinha condições de pagar o condomínio aí gera um dinheiro, uma renda, pra entrar pra aquela pessoa que tá desempregada. Então isso aí a gente sempre fez, esse cronograma lá.

Margarida: Mas nem todos acataram...

Salvadora: Nem todos acataram. Isso mesmo, né Margarida? Né, nem todos.

Maria Roberta: Ninguém quis, assim...

Roberto: Mas a parte externa toda, como que vocês resolvem?

Salvadora: Tem umas pessoas que limpa

Roberto: Tá, mas to falando... Esse lugar que nós entramos aqui

Salvadora: O pátio e tudo, é...

Márcia: Nós temos uma firma que vem fazer a capina. Fazer dedetização, as caixas de gordura e tudo. Vê se, às vezes tem algum vazamento, alguma coisa [sobreposição de falas, inaudíveis]

Maria Roberta: Tem uma moça limpando a área aqui. A Dorinha.

Márcia: Então, mas é agora que ela...

Maria Roberta: Tá devendo condomínio.

Josiany: Mas ela é moradora?

Maria Roberta: Ela é. Tá desempregada.

Roberto: Mas tem uma rede de solidariedade então sim né. Porque isso aí já é um indício, né? A pessoa comunica e o condomínio, todo mundo colabora de deixar ela fazer isso né.

Márcia: Sim. É porque ela não tem condições mesmo de trabalhar fora porque ela é dependente alcoólica e tem problema de saúde também então o conselho achou que [inaudível] Ela faz a limpeza lá fora duas vezes no mês, desconta um valor. Tem um valor simbólico que é como se fosse descontado, esse valor simbólico. Eu assino que ela é do nosso bloco aqui, né? Eu assino nos dias que ela faz a limpeza, ponho os dias, né...

Salvadora: Eu nem sabia.

Márcia: Eu faço o recibo, eu entrego a Efigênia, que ela é presidente do conselho, pra ir abatendo aquele valor de anos que ela vem devendo. Agora há pouco tempo não sei como que ela tá pagando, mas tá pagando.

Maria Roberta: Quem tá pagando é o advogado dela, o mês.

Salvadora: Que tá pagando. Ela chega lá na minha porta e me entrega o dinheiro a partir de fevereiro agora. Os outros pra trás o serviço que ela tá fazendo agora que tá sendo descontado.

Maria Roberta: O advogado dela já foi patrão antes, então conhece ela há muitos anos. A família toda.

Margarida: Ah é? Nem tava sabendo.

Maria Roberta: Aí o advogado dela tá pagando.

Salvadora: Foi um condomínio que levou ela na justiça.

Márcia: Olha, eu não sabia.

[Trecho de difícil transcrição onde elas discutem sobre a situação dessa moradora que está fazendo a limpeza]

[Fase pós-ocupação]

Giselle: Além da UMEI, teve algum outro espaço, seja praça, algum equipamento que vocês conseguiram batalhar? Ou que a comunidade, o bairro, batalhou?

Margarida: Teve a coisa do pessoal que recolheu o lixo ali você lembra?

Salvadora: Ah eu recolhi eu, eu...

Margarida: Ela fazia parte.

Salvadora: Eu fazia parte, eu era do "Cidadão Auditor". Entao ficou muito tempo lá, depois quando veio o prefeito Marcio lacerda ele foi e tirou o programa. Mas mesmo assim, lá na assessoria pública, eles ainda vem aí o caminhão aí três vezes...

Maria das Graças e Silva: Não.

Salvadora: Uma vez por semana, de quinze em quinze dias, pegar o lixo.

Margarida: Uma vez na semana ou é de quinze em quinze?

Salvadora: Não sei como é que é.

Márcia: De quinze em quinze só se [aparentemente ela afirma que não acontece de quinze em quinze dias]

Salvadora: Não é de quinze mais não?

Márcia: Aqui nunca teve varredura não...

Salvadora: Então, mas é porque eles viraram e falaram pra mim que ia fazer, e ficou muitos anos fazendo. Eles falou comigo que se virasse bota lixo não ia retornar. E tá virando mesmo. Mas eu tenho o protocolo lá em casa.

Márcia: Eu sei que eu tô...

Salvadora: As luzes, às vezes as luzes ficam queimadas aí eu ligo pra lá e eles ajudam muito, sabe? Então assim, eu fiquei no "Cidadão Auditor" muito tempo.

Roberto: Isso é um programa da prefeitura?

Salvadora: Da prefeitura. Muito bom. Agora esse caminhão aí eu não sei.

Maria das Graças e Silva: Aqui nós temos, não sei se ainda continua, o caminhão do lixo passa para recolher o lixo segunda, quarta e sexta. Aí depois que ele passa, aí o povo da comunidade, o Santa Rosa I e nós aqui é que põe o lixo lá. Não é todo mundo não, não é todo mundo não, tá? Ai toda segunda feira, não sei se é segunda ou sexta feira, né Márcia? Eles vêm, varre a rua todinha

Margarida: Segunda ta ainda. [Salvadora e Margarida falam juntas]

Maria das Graças e Silva: Aí você acaba de varrer, aí as benção de Deus, os menino tudo vai e faz aquela sujeira. E tem o caminhão também que passava três vezes na semana pegando aquele lixo grosso mesmo, lá embaixo

Margarida: Lá embaixo, na encosta lá, né?

Maria das Graças e Silva: Agora ele só passa e pega lá em cima.

Roberto: Você tem que levar lá?

Maria das Graças e Silva: não, ali em cima ele pega. Aqui ele não pega mais, sabe porque? É igual o lixo. Eles vêm "panha", varre, só quando eles vira a esquina ali, um exemplo: eu vou lá e joga uma coisa. É assim.

Herbert: Vocês tinham comentado que tinha um quartinho do lixo que teria e que foi alterado. E vocês descartam o lixo onde hoje?

Margarida: Na porta mesmo.

Maria das Graças e Silva: Nós "pusemos" no dia. Muita gente coloca no dia. O lixo agora tá passando entre quatro e cinco horas, olha que horário bom, né?

Herbert: Aí vocês colocam no portão, no passeio mesmo ou coloca em lugar específico?

Salvadora: No passeio.

[Muitas falas sobrepostas discutindo sobre o horário e colocação do lixo.]

Margarida: Eu saio às cinco e quarenta. Eu não coloco coisa, por exemplo, resto de carne. Eu congelo ela. No dia que eu vou sair, aí eu coloco, que não tem erro, não vai ficar fedendo, até o lixeiro passar...

Salvadora: Tá fresquinho, né? Também faço isso.

Margarida: É... entendeu? Pra não dar cheiro. Mas isso nem todos fazem.

Maria Roberta: Tudo isso foi ensinado pra gente.

Salvadora: Foi! Foi tudo bem ensinado.

Margarida: Teve a escola, né? Ensinando a forma de agir dentro de um condomínio.

Salvadora: E os maus exemplos, você vê aqui que ninguém...

Márcia: E agora [inaudível] capinar, sei lá, cortar mangueira por aí, botar ali, depois botar fogo, eu que sofro com a fumaça.

Maria das Graças e Silva: Ali embaixo ó, depois vocês olha daqui, a coisa horrorosa que tá...

Roberto: Mas teve isso no início mas teve um acompanhamento disso depois? Depois que vocês estavam aqui há muito tempo veio gente da prefeitura aqui?

Márcia: Que nada!

Margarida: Não!

Roberto: Vocês se viram?

Salvadora: Quem tem que fazer é nós... A [inaudível] o tem que ser nossa aqui dentro, nós tudo tem que ter consciência.

Roberto: E a maioria vai por aí né?

Margarida: Uns fazem bonitinho, outros não fazem...

Roberto: Não, tá. Mas eu quero saber as porcentagens porque essa peste aí tem em todo lugar do mundo.

Maria das Graças e Silva: Eu ando errado né, aí, porque eu tô andando errado, Margarida também vai e faz errado. Sabe como? Agora, eu ando certo, você também vai e faz certo. Nós aqui mais é assim, vai um pelos outros, sabe como? Um pelos outros. Chega e põe um carro, aqui [inaudível] direitinho pra colocar os carros, por que que eu não posso pôr meu carro aqui direitinho? não, aí eu ponho em cima da grade, em cima da grama, quebro os pedacinhos que tem...

Roberto: Mas do ponto de vista do espaço, esse uso, todo mundo que precisa tem lugar pra parar?

Margarida: Por enquanto.

Maria Roberta: Vai ter um dia aí, a garagem acho que tem de 18 a 19 vagas.

Margarida: Dezenove!

Maria Roberta: Vai ter um dia aí que não vai ter espaço aí a pessoa vai ficar com o carro lá fora. Uma coisa que foi dita no início, antes da gente morar aqui.

Salvadora: O próprio síndico faz as coisa errada aqui, o próprio síndico vai lá e coloca o lixo lá. Então nós tamo dando mal exemplo pro outro.

Josiany: Mas por enquanto quantas vagas estão ocupadas, você sabe?

Salvadora: Tudo!

Josiany: Quase todas?

Maria Roberta: Tem dia que tá todas ocupada. E tem dia que...

Josiany: É porque vem gente de fora, né?

Maria Roberta: Não pode entrar...

Margarida: É porque tem gente que tem dois carros aqui. Tem parente aí deixa o parente entrar e dormir.

Salvadora: Na ata tá assim, seu carro tá aqui, sua moto tem que ficar aqui ó. Só que isso não é cumprido. Aqui ó, na ata tá feito, seu carro tá aqui no estacionamento, sua moto tem que ficar aqui ó, ela não pode ir pra outra vaga. Sabe? Tudo tá assinado em ata lá, tudo.

Margarida: A questão das motos, eles tão colocando as motos lá porque tá tendo a vaga, mas quando não tiver a vaga....

Salvadora: Mesmo que tiver na prefeitura foi feito assim.

Roberto: Essas vagas estavam previstas no projeto?

Maria Roberta: Todas.

Salvadora: Isso já foi falado.

Márcia: Carro tava, agora moto eu não sei.

Salvadora: Não. Moto quem tivesse moto tinha que ficar dentro da vaga do carro.

Maria Roberta: Foi também dito nas reuniões que se fosse idoso e chegasse doente podia entrar táxi dentro da garagem e estacionar na vaga pra deficiente pra tirar o idoso.

Salvadora: Tá tudo lá, tudo foi muito bem esclarecido.

Giselle: Ô gente, em relação, você falou que não tem padaria próxima, né Salvadora? Como que vocês fazem Supermercado? É aqui perto?

Maria Roberta: Lá no BH.

Márcia: Tem o EPA, tem o BH.

Giselle: Em qual bairro?

Márcia: É no Jaraguá. Porque quando a gente sai aqui...

Roberto: Aqui é São Francisco?

Márcia: É, aqui é São Francisco. Até onde eu sei, porque eu já ouvi falar que aqui não é São Francisco. Quando a gente sai aqui, na nossa rua, e sobe a Boaventura e vira ali na rotatória, ali já é Jaraguá, já sobe o Jaraguá. E aqui tem um posto de gasolina que agora tem padaria ali.

Giselle: E como vocês acham? É fácil acessar os serviços assim que vocês precisam no dia a dia? É perto ou longe pra vocês?

Márcia: No meu caso, que eu gosto de andar, eu vou até lá no BH e na lotérica também que é um pouco mais distante. Eu vou a pé e venho de ônibus porque eu preciso caminhar. Então eu to livre, né? Eu vou caminhando devagarzinho e quando venho já to com peso então...

Roberto: O ônibus é próximo?

Salvadora: Tem, tem quatro linhas de ônibus nossa aqui.

Roberto: Bem servido.

Márcia: Ótimo, ótimo, ótimo. A gente não pode reclamar não. Aqui tem dois MOVE e duas linhas normais. Muito bom. Eu mesmo tem dia que eu volto do meu serviço ando pra Praça da Liberdade e depois venho embora.

[Fase de projeto]

Roberto: Eu fico voltando atrás... Quando foi, na escolha do projeto, o Marcelo... Vocês chegaram e ele já tava escolhido ou vocês... Como que foi isso aí?

Salvadora: Ele veio, apresentou pra gente, né Margarida?

Margarida: Eles fizeram e apresentou pra gente, pra ver se a gente aprovaria...

Roberto: Não, isso eu entendi eu to falando assim, antes dessa história ele... Se foi a prefeitura que falou: "Vai ser o escritório do Marcelo que vai fazer"? Foi assim? Ou vocês tiveram alguma escolha nisso?

Salvadora: Não, não teve escolha não.

Josiany: Já estava definido que ia ser eles que ia trabalhar com vocês ou vocês tiveram escolha?

Margarida: Não, no início tinha alguém e depois que eles foram apresentados pra gente, eu não me lembro...

Giselle: Era a PUC no caso?

Roberto: Que elas falaram que reuniram na PUC algumas vezes.

Margarida: Mas é com Marcelo.

Roberto: Já com o Marcelo, já estava contratado ele?

Márcia: O seu núcleo né? O seu núcleo.

Margarida: Uai você não participou lá na PUC não?

Márcia: não, na PUC não...

Margarida: Ó! Então foi poucas pessoas, tá vendo?

Salvadora: Prefeitura que decidiu, eu não tenho certeza não mas quem as pessoas da prefeitura foi decisão da prefeitura.

[Fase de obra]

Roberto: Agora, durante a obra também tinha uma assessoria técnica.

Salvadora: Tinha.

Roberto: Aí não era o Marcelo era...

Margarida: Não, o Marcelo não chegou a acompanhar aqui não.

Roberto: Quem que ajudou vocês a fazer a obra? Porque vocês que contrataram a obra.

Márcia: A empresa

Giselle: Era uma empreiteira assim? De engenharia?

Márcia: Era, é OPACO. Assim, depois da licitação. Antes eu não me lembro. Era o Armando, era o Antônio...

Salvadora: Esses primeiro daqui da frente foi o Armando, o Armando fez, fez a fundação... O Armando que entrou primeiro, fez a fundação, fez tudo aqui, deixou tudo pronto, aí quando solicitou [*licitou* ?] a obra...

Roberto: Você lembra o nome todo dele, esse Armando?

Margarida: Não...

Maria Roberta: Tá nos nossos...

Márcia: Aí o terreno ali no fundo ainda tava desse jeito aqui fora. Aquele moço que eu te falei do cabelo comprido como que ele chama? Você lembra?

Salvadora: Renato!

Margarida: Ah é, acho que é Renato.

Salvadora: Renato, veio um Renato aqui também.

Giselle: O Renato é lá do Vila Régia?

Roberto: Renato amigo da Antônia?

Giselle: La do Vila Régia, né?

Márcia: Tá, então nós temos que conversar com Renato também.

[conversas sobre o Renato]

Josiany: Mas ele veio em que momento dessa história?

Márcia: Acho que foi um pouco antes da OPACO pegar.

Roberto: Ele era de obra.

Margarida: Mas tem o Guilherme, o Guilherme é o....

Salvadora: Esposo da Antônia.

Márcia: não, mas o Guilherme não é...

Margarida: O Guilherme acompanhou a gente aqui ó, na regional.

Salvadora: Mas ele é esposo da Atonia, ele não é marido da Antonia?

Roberto: Sim

Maria das Graças e Silva: Então, o Guilherme, a Antônia, a Lídia, a Michele que acompanhou...

Herbert: Ele não é sociólogo?

Roberto: Ele é sociólogo, exatamente.

Salvadora: Agora, deixa eu te falar, teve Lígia da prefeitura. Ela também acompanhou muito a gente aqui.

Márcia: A Mônica Bedê chegou a trabalhar com vocês?

Margarida: Olha eu não to me recordando não.

Maria Roberta: Quem sabe disso é a Adélia, ela anotava tudo.

Salvadora: A Adélia que deve saber que ela

Margarida: Pois é. Mas a próxima ela vai...

Roberto: Não, mas essas pistas já estão ótimas. Que a gente quer correr atrás dessas pessoas e conversar com elas também. O Renato nós já fizemos contato, conversamos com ele. O Renato, o Guilherme, a Antônia...

Salvadora: Sim, pois é. A Antônia foi a vida inteira, até hoje!

Maria Roberta: De vez em quando ela vem aqui

Salvadora: Ela foi muito bacana com a gente!

Roberto: É, ela foi conosco nesse passeio.

Salvadora: Olha que coisa boa, ela uma pessoa muito bacana

Márcia: Acompanhou a né... ia em Brasília pra gente...

Salvadora: Tudo, ela ia em tudo

Roberto: É, batalhadora...

Salvadora: Batalhadora demais da conta!

Maria das Graças e Silva: A gente tá aqui também agradece muito a todo...

Salvadora: Todo mundo! A gente agradece os engenheiros, arquitetos, todos.

Roberto: Tem uma pergunta aqui que a gente sempre faz no fim mas eu acho que tá numa hora boa de... Também nós já estamos perto do fim. Vocês indicariam esse processo de autogestão pra outras pessoas? Vocês acham que valeu a pena?

Maria das Graças e Silva: Vocês terem vindo aqui?

Giselle: Não, vocês terem feito isso tudo. A luta toda que a gente tá falando.

Salvadora: Ah, foi bom, foi ótimo! Foi muito bom.

[Relações de vizinhança e ações comunitárias]

Márcia: Eu aconselharia dentro de um propósito que todo mundo trabalhasse firme ali, né? Como a gente trabalhou mas agora, né? Cada um por si e Deus por nós todos, queria [?] que todo mundo estivesse unido como antes.

Salvadora: Mas é porque as pessoas também não querem fazer por onde pra trabalhar, né? Junto porque se quiser a gente muda é só a gente querer trabalhar em grupo, né?

Márcia: Senão não estaria essa bagunça que tá aí.

Maria das Graças e Silva: Às vezes cinco quer, mas cinco não quer, né? Cê me entende? Cinco quer. Outro dia falei assim: "ô gente vamo fazer..." Eu falei assim ó: "Eu to tentando fazer a minha parte em tudo." Igual o empreendimento aqui, o Santa Rosa I, ela sabe... Eu posso considerar em primeiro lugar é nota dez.

Salvadora: O dia das mães... Você precisa de ver... Você precisa de ver no dia das mães, a reflexão das mãe que eles fizeram ali no pátio. Ali tem um síndico de lá, eles é síndico mas assim os morador que sabe de tudo, não é o síndico não, e ajuda tudo. E aquilo ali chama.

Margarida: Lá eles tão unidos, né?

Salvadora: Você precisa de ver a reflexão do dia das mães, sabe? Tudo.

Maria Roberta: Você precisa ver lá, o jardim bonito... Aqui não tem jardim...

Salvadora: O síndico quer brigar...

Maria das Graças e Silva: Uma época todo mundo fez um jardim. Pagamos quase dois mil reais, não foi? Aí veio uma pessoa e cortou tudo.

Salvadora: Do nada, do nada.

Maria Roberta: Tipo assim, você planta aquelas mudas bonitas de rosa. Como é o nome daquela rosa? Azaleia, sei lá. Você planta, no outro dia você não vê mais, eles arrancam.

Salvadora: Deixa eu te falar, mas o síndico geral ele tem que procurar essa pessoa e ir lá conversar. O problema é que não sabe interagir, ai fica conversando "titititi"...

Josiany: Mas por exemplo, esse jardim vocês reuniram e aí depois [inaudível]?

Maria Roberta: Não, nós não reunimos, nós pagamos um jardineiro.

Josiany: Mas quem pagou?

Márcia: O condomínio que pagou. Foi todo mundo, as cinquenta famílias que pagou pra fazer o jardim. A capina, quando é a poda, é o condomínio que paga. É dividido pelas cinquenta famílias.

Josiany: Mas então parte da ideia que todo mundo tava concordando que ia ter o jardim.

Salvadora: Uhum.

Josiany: Todo mundo sabia que ia ter e se era contra podia ter manifestado.

Salvadora: Eu mesmo já comprei planta com meu dinheiro, eu plantei no meu jardim com meu dinheiro, não foi do condomínio. Plantei porque eu gosto de planta, eu amo planta.

Maria Roberta: Eu também gosto, minhas plantas vivem dentro de casa.

Salvadora: Amo. Eu fiz questão de comprar. Arrancaram tudo. Cheguei na sexta feira tava tudo em cima.

Maria Roberta: Dá vontade de chorar, não dá, Márcia?

Roberto: Aí hoje não tem mais?

Salvadora: Uai, tá vendo aí? Mas quando a gente chegou aqui a gente falou, não foi, Margarida? "Vamo fazer um jardim?" Aí inventou uma moda que não pode ter jardim, eles inventaram que não podia ter jardim. Nunca vi um apartamento sem jardim. Aqui tinha um pé de boldo, diz que não podia deixar o pé de boldo, que o pé de boldo ia jogar o muro no chão, que a raiz ia matar. Cê já viu um muro cair com um pé de boldo? Pergunto pra você como professor da UFMG, me dá ai resposta. Plantou uma planta aqui diz que ia cair o apartamento. Lá onde que eu trabalho tem uma [inaudível] enorme. Olha, você como professor da UFMG, eu nunca vi falar que um pé de uma planta derrubaria um apartamento. Aqui eles fala isso. Agora eu te faço essa pergunta.

Roberto: Se for um Ficus...

Salvadora: É... mas eles mesmo que fala, os próprio síndico.

Márcia: Aqui embaixo, na Boaventura, tem um prédio que eu to com vontade que eu faço caminhada e vou lá pra baixo, tem um pé. O prédio tá assim ó aqui, o Ficus tá aqui, o tronco do Ficus cobre [inaudível] numa praça.

Maria das Graças e Silva: Sabe como que é? Aqui é assim, negócio é o seguinte, primeiro mudou duas pessoas pra cá. Aí elas falam que elas mudaram sem luz e sem água. Aí essas duas pessoas que mudaram pra cá elas acharam no direito de mandar e desmandar até hoje. Agora, como... Não, assim, é horrorosa, aí todo mundo abaixo, sabe como? Todo mundo abaixo... Tinha que ter respeito no primeiro dia, no primeiro dia. Se tivesse respeito "hoje não pode entrar carro aqui", pronto nao pode acabou. Mas no primeiro dia nao pos respeito, ninguém, então, virou uma bagunça.

Salvadora: Agora planta... Eu fico muito triste sem planta aqui. Isso me dá uma tristeza tão grande moça, que cê não tem noção. É uma pena.

Márcia: Tinha dois pé de trepadeira lindo! Tava a coisa mais linda que eu fiquei lá acompanhando o crescimento todo dia ia lá, fotografava.

Salvadora: As rosa!

Márcia: Ela que plantou.

Salvadora: Eu plantei rosa. Sabe o que que eles falaram comigo na época quando eu vim pra cá? Que não podia ter rosa não porque rosa tem espinho. Olha procê ver.

Margarida: Mas foi colocado, eu entendi na época como falou isso. Porque não pode cair pro lado de fora.

Salvadora: Não, não era do lado de fora.

Margarida: Ali é, porque tava caindo. Então essa fala foi falada nessa questão.

Salvadora: Não, ali não. Eles tirou ali, tô falando quando eu plantei lá. Então assim, tudo que cê planta não pode... Nunca vi um trem... Onde que cê mora numa casa, num apartamento, que não existe planta moço? Não existe isso, uma planta vai cair um prédio? Olha pro cê ver que cabeça, a própria síndica....

Maria das Graças e Silva: Você sabe que que é? É ter [inaudível], Margarida.

Maria Roberta: A gente teve aula aqui desse negócio de planta. Eles vieram aqui falar de planta, de chá...

Salvadora: Eu fico muito triste com esse negócio.

Maria das Graças e Silva: Mas cê sabe um lugar que tem as pessoas pirracentas? Mas ruim mesmo? Ruim mesmo? Que faz ruindade assim é pra você ver. Então é aqui. Eu não to falando mal, mas é uma verdade.

[trecho inaudível]

Maria das Graças e Silva: Quando nós tava pra ganhar aqui, a gente ia pra reunião de dia, de noite, com sol, com chuva, com fome, todo mundo ia. As assembleias gerais ninguém vai. Faz reunião do condomínio ninguém vem. "Vocês pegaram o que que vocês queriam pra que?" A Michele falou: "Cês vão mudar pra lá mas agora vocês que vão [inaudível] não é nós não. Então tá certo. Outros aqui entra e sai, como se diz? Cê tá morando lá... Cheguei e falei pra uma pessoa assim: "Escuta aqui, eu acho que você ta morando no palácio do governo, não é possível. Cê tem que passar a tomar conhecimento das coisas que acontecem aqui, você mora aqui." Porque quando nós precisamos nós ficamos dia e noite pra batalhar, agora pegou todo mundo "Ah, não. Eu não vou mexer não, eu tenho medo de fulano." As coisa certa e direita que eu aprendi na reunião eu falo. E é aquele ditado, quando você fala a verdade dói. Tem razão, quem deve treme, e é mesmo. Eu brigava muito quando eu tinha minha irmã que morava aqui, eu brigava. [inaudível] e tudo, sabe? Ai ela morreu, eu peguei e quietei um pouquinho, já to mais quieta, sabe? Mas é por que? É porque eu tento falar as coisa certa, direita e que nós aprendemos na reunião. E eles não aceita.

Salvadora: E não chama a gente não. A gente que é do conselho, não reúne a gente, porque a gente corrige as coisas erradas. Aí nem marca reunião. Aí não chama pra reunião a gente, não participa. Então assim, como que as coisas andam?

Margarida: Eu não fico aqui... Eu não fico, eu não sei.

Maria das Graças e Silva: Ela levanta de manhã e chega aqui de noite. Margarete o tempo inteiro: "Ô Margarete, cê mora aqui? Margarete cê tá sabendo disso?" "Não."

Herbert: Eles marcam as assembleias e não convidam os conselhos?

Salvadora: Convida. Mas a gente, por exemplo, a gente é do conselho, né Margarete? A gente é do conselho. Às vez faz reunião e a gente nem sabe. E a reunião é os conselheiro que aprova, cê sabe disso, né?

Josiany: Mas como que vocês se comunicam? Tem um quadro?

Maria das Graças e Silva: Tem aviso no painel.

Maria Roberta: Tem os interfone.

Maria das Graças e Silva: Vamos supor: dia primeiro do mês que vem eles colocam lá "vai ter uma reunião".

Josiany: Tem algum grupo no WhatsApp, essas coisas?

Margarida: Tem.

Salvadora: Não, nem é bom também que [inaudível].

Herbert: Acontece de tempo em tempo essa assembleia?

Salvadora: Não, essa assembleia é uma vez por ano...

Maria Roberta: De quanto em quanto tempo é a assembleia geral?

Márcia: Era pra ser todo mês mas...

Salvadora: Não, todo mês não. Tem que ser de seis em seis meses, Márcia.

Margarida: A geral, aquela que foi comunicada, que foi essa que a gente foi que foi uns gatinho pingado. Essa foi geral.

Salvadora: Foi geral, prestação de conta. Agora o conselho, tem que fazer reunião de conselho tem que avisar os conselheiro, porque todo mundo tem que trabalhar em grupo e provar o que que vai fazer. E não existe essas coisas, né Margarida?

Margarida: Existir existe lá, mas a gente não participa.

Salvadora: Existir existe, mas não convida a gente. Se um do bloco não avisa o outro fala: "ó fulano, vai ter", né Margarida? Avisa assim ó, hoje, amanhã, tal dia. E avisa assim, três dias. E não foi feito isso na prefeitura tem três dias, é uma semana no mural. Isso também tá lá na ata também.